

A IMPORTÂNCIA DA EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E O PAPEL DA LINGUAGEM NA CRIAÇÃO DE SIGNIFICADO E SENTIDO

Ayram Trevenzoli da Silva¹
Magalí de Paula Silva Santana²

psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

A psicologia fenomenológico-existencial é uma abordagem que se volta para a compreensão da experiência subjetiva dos sujeitos por meio do encontro com o outro. Busca-se compreender a intencionalidade e relacionar os aspectos dos diversos fenômenos que compreendem a vivência do indivíduo. A linguagem colabora para isso, não se resumindo apenas a uma comunicação, mas está atrelada a construção individual da realidade. O objetivo desse trabalho é elucidar a importância da expressão da experiência subjetiva no contexto da clínica em psicologia fenomenológico-existencial, além de entender o papel da linguagem na criação de significado e sentido. Trabalhos como esse permitem compreender melhor o tema e propiciar a ampliação das áreas de saber na clínica fenomenológica. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, com pesquisa nas principais bases de dados nacionais. Realizou-se uma leitura atenta e pormenorizada dos artigos e livros que abordavam o tema proposto. Os resultados reafirmam as considerações de que a experiência subjetiva pode ser apreendida na clínica e a linguagem é uma das responsáveis por auxiliar as pessoas a encontrarem significado e sentido em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Subjetividade, Significado, Clínica fenomenológica.

INTRODUÇÃO

A psicologia fenomenológico-existencial é uma abordagem voltada para a compreensão da experiência subjetiva dos indivíduos por meio da análise aprofundada e descritiva da experiência vivida. A fenomenologia busca entender a intencionalidade da consciência e como essa se relaciona com diferentes fenômenos, enquanto o existencialismo enfatiza a liberdade e a responsabilidade do indivíduo em

¹ Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

² Psicóloga, psicopedagoga e professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

sua existência. King (2001, p.109) define a fenomenologia como "o estudo das formas como algo que aparece ou se manifesta, em contraste com estudos que procuram explicar as coisas a partir de relações causais ou processos evolutivos". A maneira como as coisas se comportam é chamada de fenômeno.

Para a psicologia fenomenológico-existencial, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma ferramenta básica para a construção da realidade e da subjetividade individual. Por meio da linguagem, o sujeito consegue dar forma e sentido à sua experiência, criando novas possibilidades de sentido para sua vida. Segundo Heidegger (2005), a linguagem é a casa do ser, pois é através dela que o indivíduo se relaciona com o mundo e dá sentido à sua existência.

Dutra (2004) destaca que a importância da expressão da experiência subjetiva se torna evidente, pois é a partir dessa expressão que o sujeito é capaz de compreender e construir sua subjetividade de forma mais profunda e significativa. Além disso, a linguagem torna-se uma ferramenta essencial nesse processo, capacitando o indivíduo a dar forma e sentido à sua existência.

Essa abordagem tem sido amplamente utilizada na prática clínica, especialmente na abordagem de transtornos mentais como a ansiedade, depressão e transtornos de personalidade. Segundo Bin (1998), a terapia fenomenológico-existencial tem como objetivo a compreensão do mundo vivido pelo paciente e a construção de novos sentidos para sua vida, sendo uma abordagem indicada para clientes que buscam uma compreensão mais profunda de sua existência.

Segundo Galiuzzi (2003, p. 96), "a realidade é construída pela linguagem que utilizamos para descrevê-la; nós mesmos somos produtos da linguagem que aprendemos", desta forma, essa abordagem utiliza a linguagem como um instrumento para a construção de novas possibilidades de sentido para as experiências.

Portanto, objetiva-se, com esse trabalho, elucidar a importância da expressão da experiência subjetiva, no ambiente da psicologia fenomenológica existencial, bem como fomentar o papel da linguagem na criação de significado e sentido.

Trabalhos como este são importantes para propiciar ampliação nas áreas do saber da clínica fenomenológica, dando ênfase na elaboração da linguagem e da necessidade de atribuir a ela uma acepção.

REFERENCIAL TEÓRICO

No texto *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*, de 1913, Husserl (1986), nos aponta que a psicologia fenomenológico-existencial é uma abordagem que enfatiza a importância da subjetividade na compreensão do humano e do funcionamento psicológico. De acordo com essa perspectiva, a experiência subjetiva é vista como fundamental para a compreensão do mundo e de nós mesmos, e é considerada a fonte da consciência e da percepção do sentido da vida (HEIDEGGER, 1962; SARTRE, 1943).

A expressão da experiência subjetiva é, portanto, um elemento essencial para a compreensão da psicologia fenomenológico-existencial. Através da linguagem, somos capazes de articular e dar sentido às nossas experiências subjetivas, bem como de compartilhá-las com os outros, afinal, a linguagem não é um instrumento inerte, senão um organismo vivo (MINKOWSKI, 1933/1973, p. 121). Segundo Heidegger (1994, p. 16), a linguagem é o ser e o vir-a-ser do próprio homem, é uma forma de ser-no-mundo, e através dela nos conectamos com outras pessoas e com o mundo em que vivemos.

Nesse sentido, a linguagem desempenha um papel fundamental na criação de significado e sentido. Através da linguagem, somos capazes de criar um mundo compartilhado com os outros, em que nossas experiências subjetivas são validadas e compreendidas por aqueles que nos cercam (MERLEAU-PONTY, 1945). A linguagem também nos permite dar sentido ao mundo e a nós mesmos, através da articulação de conceitos, categorias e narrativas que nos ajudam a compreender e interpretar nossas experiências (RICOEUR, 1975).

A compreensão fenomenológica possibilita perceber o ser que se revela a partir de si, ou seja, conforme se revela (CARDINALLI, 2004). Tende, portanto, a ir diretamente aos fenômenos que aparecem, e o fenomenólogo existencial procura manter seu pensamento aberto diante deles. Sapienza (2004) argumenta que

“a história que se revela no decorrer de uma terapia pode ter semelhança com outras histórias, mas cada uma tem uma peculiar combinação de significados, que é só dela. E ali, na terapia, a única fenomenologia que interessa é a dessa história particular, é da existência do paciente que está na sala. Nisto que consiste o trabalho que ali se realiza: deixar que as coisas apareçam com seus significados, reuni-los e permitir que sentidos se articulem (p. 19).”

Anais do FAVE – Fórum Acadêmico da Univértix, Matipó, setembro, 2023.

Portanto, para a psicologia fenomenológico-existencial, a expressão da experiência subjetiva é fundamental para a compreensão do funcionamento psicológico, bem como para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla do mundo e de nós mesmos. Além disso, a linguagem desempenha um papel crucial na criação de significado e sentido, permitindo que nossas experiências subjetivas sejam compartilhadas e compreendidas pelos outros (AMATUZZI, 2009).

Como sinaliza Alcoff (2000), a linguagem em Merleau-Ponty não aprisiona o sentido, pois ela não é produtora de sentidos externos ao mundo vivido, como pensam os pós estruturalistas, mas encarnada no mundo social enquanto estrutura possível de sentido. Experiência e linguagem guardam, assim, uma relação mais intrincada do que a mera produção de uma pela outra: configuram-se em campos de sentido existentes no mundo em que o sujeito se faz presente. Sem deixar de relevar a questão da linguagem para o sentido do mundo, Merleau-Ponty (1964/2000), por fim, sintetiza tudo isso dizendo:

“De modo que o problema da linguagem só é um problema regional, se se quiser, - quer dizer: se se considera a linguagem toda feita, a operação secundária e empírica de tradução, de codificação e de decodificação, as linguagens artificiais, a relação técnica de um som e de um sentido que só são unidos por convenção expressa, e são, portanto, idealmente isoláveis -, mas, ao contrário, a considerar a palavra falante, como natural a assunção das convenções da língua por aquele que vive nela, o enrolamento nele do visível e do vivido sobre a linguagem, da linguagem sobre o visível e o vivido, as trocas entre as articulações de sua paisagem muda e as de sua fala, enfim, essa linguagem operante que não tem necessidade de ser traduzida em significações e em pensamentos, essa linguagem-coisa que vale como arma, como ação, como ofensa e como sedução, porque faz aflorarem todas as relações profundas do vivido em que se formou, e que é aquele da vida e da ação, mas também aquele da literatura e da poesia, então esse logos é um tema absolutamente universal, ele é o tema da filosofia (p. 124).”

Segundo Schultz e Schultz (2005), o processo de fala na terapia busca explorar as emoções, sentimentos e pensamentos do paciente em relação à sua experiência vivida, e não apenas o seu comportamento observável. Além disso, a terapia fenomenológica enfatiza a importância da compreensão da experiência subjetiva do cliente pelo terapeuta, a fim de que este possa ajudar o cliente a encontrar significado e sentido em suas experiências.

A importância da experiência subjetiva na terapia fenomenológica tem sido destacada por vários autores. Por exemplo, Gendlin (1999) afirma que a terapia fenomenológica se concentra na compreensão da experiência do cliente, visando ajudá-lo a encontrar novos significados e perspectivas em sua vida. Para ele levar a experiência adiante, significa permitir que ela se torne “aquilo que necessita ser”.

Por fim, é importante destacar que a clínica fenomenológico-existencial se concentra na compreensão da experiência e na utilização da linguagem como meio de expressão e exploração desta experiência. Conforme expõe Dutra (2002), nesta abordagem, a linguagem é vista como um meio fundamental para a criação de sentido e significado na vida do cliente, permitindo que ele explore e compreenda suas experiências mais profundas.

METODOLOGIA

Em cumprimento do portfólio necessário para a graduação relativa ao Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Univértix, o método utilizado para discorrer as informações foi qualitativo, que segundo Monteiro (2016) tem o pesquisador como principal instrumento.

Após a leitura de um compilado de artigos e livros relacionando o tema proposto, realizou-se uma revisão bibliográfica, que de acordo com Vosgerau e Romanowski (2014), é utilizada na possibilidade da compreensão de temas e movimentos dentro da área na qual há o desejo de buscar conhecimentos e discorrer sobre o assunto. Utiliza-se para obtenção e produção de análises críticas, configurações e propensão teórica, além de metodológicas. Esse tipo de pesquisa tem como intuito resumir, organizadamente, as obras utilizadas no estudo, bem como propiciam informações englobando aspectos relevantes na área do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O indivíduo constrói de forma ativa e também criativa a sua própria subjetividade e personalidade. Ele não é inerte e nem passivo as experiências que experimenta, sejam elas pessoais, socioculturais ou interpessoais (LUPPI, 2005).

Desde os processos infantis, buscou-se dar reconhecimento e reflexão a respeito da aquisição da linguagem. Sabe-se que, mesmo que já domine a linguagem, a criança muitas vezes, ainda não apresenta a noção do signo. Nesses casos, o sentido aparece de forma mais fugaz, podendo uma só palavra resultar em um conjunto de coisas que se assemelham a situações que referenciem o que foi mencionado (BRITO, 2021).

Da Nóbrega (2021), atribui que os signos e seus sentidos não estão intimamente atrelados a uma maneira de pensar, mas sim a um poder, em potência expressiva da palavra. A palavra que é dita e a que é escutada resulta de um significado que é legível ao gesto e textura linguística. Por isso, uma entonação e a escolha da sintaxe podem modificá-la. A expressão, nesses casos, se apresenta como vestígio.

De Araújo *et al.* (2020) fomenta que se tratando da fala, pode-se superar uma possível dicotomia em relação ao sujeito e objeto. Procura-se discorrer sobre o fenômeno, expressando o ato de significação. Nessa ótica, acentua-se essa mesma significação, acima da ideia de que tudo pode ser representado por qualquer coisa.

A conceituação de linguagem, tendo como referência a expressão do pensamento, está subordinada a um tipo de perspectiva que abstrai raízes do sistema cartesiano. Afirma-se também que o pensamento não existe previamente ao ato da expressão propriamente dita, mas sim ambos coincidem. Ao comunicá-lo, não só se transmite a realidade construída pelo sujeito, dá posse também ao que o ouvinte contribui a si mesmo, um sentido que antes escaparia (PENNA, 1986).

No processo terapêutico, o cuidado que se aplica recupera, devolve resgata o que é cuidado. Sabe-se que o que é direcionado a fala na terapia tem a ver com um fenômeno existencial que se revela, é proposto que seja compreendido (DA SILVA JACINTO; SALLES, 2020).

Os autores supracitados concordam que a linguagem tem lugar de destaque nesse processo, uma vez que foi permitido que o fenômeno relatado fosse revelado a fim de que ponderasse sua compreensão. Contudo, pode-se então tomar o que é de fato seu nesse encontro, dando sentido a existência e ressignificando a situação em relação ao mundo. Pois, de acordo com Sapienza (2004), o falar é muito mais do que

a própria comunicação que o diverge de outras espécies. Diferente dos outros animais, o homem a utiliza para apresentar o que não existe. O indivíduo também pode conciliar passado, presente e futuro.

Afirma-se que a subjetividade se constrói por meio das vivências que se experiencia. Em suma, é o que diferencia o sujeito dos pares, o segregando e tornando único. Se constrói essa subjetividade a priori, tomando posse do material que se dispõe no mundo real (LUPPI, 2005).

Verissimo (2012), contribui que é difícil elaborar a subjetividade a partir da formulação linguística. Quando se pensa num intelectualismo, há a concepção do sujeito, não falante, mas pensante. Atrela-se o pensamento a funções que causem representatividade, estabelecendo entre o pensamento do sujeito e a fala dele as relações que são externas.

Nesse sentido apontado, a fala estaria comunicando o sentido, amparada pela consciência que porta e gera as significações que, posteriormente, demandaria apenas do manejar dos signos linguísticos atribuídos, responsáveis por transmutá-las ao exterior (VERISSIMO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, considera-se que a importância da expressão da experiência subjetiva na psicologia fenomenológico-existencial e o papel da linguagem na criação de significado e sentido são temas fundamentais para a compreensão do funcionamento psicológico humano e para o desenvolvimento de intervenções terapêuticas mais eficazes e centradas no paciente.

Através de uma compreensão mais profunda desses temas juntamente com a terapia, podemos aprender a lidar melhor com nossas próprias experiências subjetivas e ajudar os outros a encontrar significado e sentido em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martin. **Fenomenologia, pós-estruturalismo e teoria feminista sobre o conceito de experiência**. Springer: Holanda, 2000.

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de psicologia** (Campinas), v. 26, p. 93-100, 2009.

Anais do FAVE – Fórum Acadêmico da Univértix, Matipó, setembro, 2023.

BAKHTIN, M. **Carta sobre o humanismo**. Artmed: São Paulo, 2005.

BIN, Kimura. Fenomenologia da depressão estado-limite. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 1, p. 11-32, 1998.

BRITO, Rosa Angela Cortez de et al. Linguagem e relação com os outros: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia infantil. **Psicologia USP**, v. 32, 2021.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Daseinsanalyse e esquizofrenia um estudo na obra de Medard Boss**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2004.

DA NÓBREGA, Terezinha Petrucia. A palavra é um certo lugar do meu mundo linguístico: notas sobre corpo, linguagem e expressão em Merleau-Ponty. **Conexões**, v. 19, p. e021022-e021022, 2021.

DE ARAÚJO, Eleno Marques; DE OLIVEIRA VIEIRA, Vania Maria; DOS ANJOS, José Humberto Rodrigues. Traços da fenomenologia da linguagem em Merleau-Ponty em Moscovici. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 86435-86453, 2020.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 7, p. 371-378, 2002.

DUTRA, Elza. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 9, p. 381-387, 2004.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GENDLIN, E. **El focusing en psicoterapia: manual del método experiencial** (JR Ortega, Trad.). Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1962.

_____. **Einführung in die phänomenologische Forschung** (1923/24). Petrópolis: Vozes, 1994.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

KING, Magda. **Guia para Ser e Tempo de Heidegger**. Sate University: New York Press, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível** (JA Giannotti & AM d'Oliveira, trads.). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MINKOWSKI, Eugène *et al.* **El tiempo vivido estudios fenomenológicos y psicológicos**. São Paulo: Paulus, 1973.

PELLIZARI, Kelly; DE OLIVEIRA, Pablo Friedrich Dias Pereira; DE OLIVEIRA, Mônica Barros. Os qualificados pelo projeto ação integrada frente ao contexto da pandemia. **Escavidão Contemporânea no Campo e na Cidade: Perspectivas Teóricas e Empíricas**, v. 2, n. 2. p. 31, 2022.

PENNA, Antonio Gomes. A fenomenologia da linguagem em Merleau-Ponty. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 38, n. 3, p. 20-35, 1986.

SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: Paulus, 2004

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Conversa sobre terapia**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2004.

SARTRE, Jean Paul. 2007. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. São Paulo: Paulus, 1943.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna** (SSM Cuccio, Trad.). Pioneira Thomson Learning: São Paulo, 2005.

VERISSIMO, Danilo Saretta. Expressão e conhecimento: a linguagem na Fenomenologia da Percepção. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 513-524, 2012.